

SÃO PAULO, SP, 18 DE AGOSTO DE 1998

*Senhor Governador em exercício do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin; Senhor Ministro Francisco Turra; Meu caro amigo e Governador licenciado, Mário Covas; Senhor Presidente da Abia, Edmundo Klotz; Eduardo Guazelli, que é o Diretor Superintendente da Guazelli Feiras Messe Frankfurt; Senhores Empresários; Senhoras Empresárias; Senhoras e Senhores,*

Ontem, o Governador Mário Covas estava presente num jantar em homenagem ao Deputado Montoro e nós vimos um vídeo no qual aparecia a trajetória do Deputado Montoro. Logo de início ele dizia que o que caracteriza um político, na democracia, comprometido com seu povo é ter a preocupação com a fome do povo. É, para mim, uma alegria estar aqui, nesta feira, porque nesta feira há preocupação com a fome do povo.

Nós lutamos, durante alguns anos – e o Edmundo Klotz foi um companheiro constante nas preocupações, nas organizações, na visualização dos caminhos –, para que a economia brasileira pudesse tomar um rumo que permitisse que nós nos orientássemos para combater os problemas centrais do nosso país. E, certamente, a pobreza e a fome

fazem parte desse conjunto de problemas com os quais todo político sério tem que estar comprometido, e comprometido a fundo.

Nos primeiros momentos do controle da inflação, quanta vezes falei para o Edmundo, quantas vezes fomos ver qual era o peso dos produtos industrializados no índice que media a inflação. E com que alegria vimos que os preços desses produtos não subiam e, graças a isso, foi possível estabilizar inclusive a cesta básica.

Quem, hoje, tem a noção do que significa a comida num país vasto como o Brasil – e não só no Brasil, mas também nos nossos países irmãos, aqui na América do Sul – sabe que a variação de preço afeta diretamente, imediatamente, o bem-estar da população. Eu vi muitas especulações, em maio e em junho, porque os índices de popularidade do Governo haviam caído. Poucas acertaram. Era só olhar a cesta básica. O preço do feijão e o preço do arroz tinham duplicado ou triplicado, por causa da seca, por algum problema de importação, pelo que fosse.

E sem que ninguém percebesse, a sociedade imediatamente – a população, a mais pobre –, imediatamente reagiu. E reagiu temendo a volta da carestia, que é do que mais a população tem medo, a da volta – não falo em inflação; inflação é termo técnico – a volta da carestia. Pois bem, a Abia, os produtores, os que processam alimentos, contribuem para que a carestia não volte.

E é com muita alegria que eu vejo agora, tanto nas palavras do Edmundo Klotz, como nas do Geraldo Alckmin, que colocaram a questão da forma mais apropriada: que nós estamos dando passos adicionais, agora, numa feira internacional, para que nós possamos avançar mais e mais no aumento da produtividade, no aumento das exportações. Tudo isso significa baixar o preço dos produtos de alimentação e, portanto, aumentar o consumo e melhorar o padrão de vida da população brasileira. Esse é o nosso desafio.

Como Presidente da República, sinto, no dia-a-dia, esse desafio de forma mais aguda. Basta ler nos jornais, basta ver que nós temos, no mundo, turbulências, para perceber que temos que estar cada vez mais unidos numa espécie de novo pacto. E de nada vai adiantar a eleição de um presidente da República, se nos estados nós não tivermos gente

como Mário Covas, que foi capaz de organizar as finanças do estado, para que houvesse um clima de estabilização da nossa economia.

Ninguém faz nada sozinho. Nós precisamos de um, como disse, pacto nacional, para que nós entendamos que as reformas são essenciais. Eu me esfalfei – é a palavra – nestes anos todos em que sou Presidente, e antes como Ministro, para arrancar reformas, que eram óbvias. Algumas consegui, outras ainda não, mas vou conseguir. Nós vamos continuar lutando e vamos fazer as reformas necessárias, para que nós possamos baixar a taxa de juros, para que possamos aumentar o crescimento da nossa economia, para que o bem-estar realmente seja alguma coisa palpável para o povo brasileiro.

Mas isso nós só vamos fazer, se estivermos, realmente, juntos, todos, entendendo do que se trata, com consciência e não simplesmente porque é vontade de A, de B ou de C, mas porque é necessidade do nosso país. E esse nosso país, hoje, se insere num contexto internacional, e aqui há expositores de outros países. O Mercosul para nós é essencial. E a nossa participação no Mercosul e a participação dos nossos vizinhos no nosso mercado fazem parte dessa nova maneira de o Brasil encarar o mundo. E o Mercosul não quer ficar isolado, ele quer exportar. E nós vamos continuar lutando, lutando para acabar com as barreiras injustas que aí estão impedindo a possibilidade de exportação do Brasil.

Para isso o Brasil tem que ser respeitado, tem que ter consciência dos seus objetivos. Não adianta demagogia. Tem que ter consciência e ação coordenada, sistemática, do Governo, dos empresários, dos sindicatos, para que nós possamos chegar aos acordos necessários, para uma participação crescente da nossa produção num sistema internacional de trocas, o qual obriga também a que haja uma importação, também, crescente. Mas a importação não pode ser crescente, se a exportação não for crescente. Temos que estar, portanto, atuando conjuntamente.

O caso da indústria de alimentação é, talvez, um caso muito essencial, porque nós, aqui, temos que cuidar da agricultura, do câmbio, dos juros, do comércio, do processamento industrial. É um conjunto muito complexo, uma cadeia produtiva muito complexa que requer de todos nós uma atenção muito especial. E vai requerer, também, cada vez mais

tecnologia, tal como foi mencionado aqui, inclusive na Embrapa, onde precisamos de mais investimentos, mais crescimento em ciência e tecnologia, porque senão não haverá produção nos moldes adequados e necessários para o mundo atual.

Mas, eu queria simplesmente lhes dizer que, sabedor que sou – e somos todos – dos desafios, das dificuldades, sou também uma pessoa confiante. Acho que nós temos condições de superar as dificuldades que, porventura, existem e que venham a existir, porque nós já encontramos o caminho. E esse caminho não é um caminho solitário, não é um caminho de uma pessoa, de duas pessoas, de um presidente, de um governador, de um ministro, de um secretário de Estado ou de um presidente da Abia. Esse é um caminho coletivo. É um caminho que, cada vez mais, passa a ser uma tarefa de solidariedade para com o nosso povo e do nosso povo para com os objetivos nacionais.

Portanto, é com muita alegria que eu pude estar aqui, nesta manhã, para esta inauguração. Quero mais uma vez agradecer, sinceramente, as palavras que ouvi, tanto do Governador em exercício quanto do Edmundo Klotz, e, sobretudo, a presença tão ativa, tão importante de tantos expositores nesta feira de São Paulo.

Muito obrigado.